

**Olavo de Carvalho e as pautas LGBTI+:** análise introdutória  
do artigo *Mentiras gays*

Mário Jorge de Paiva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa discutir uma ambivalência entre a direita e as pautas LGBTI+, tendo por base o polemista e jornalista Olavo de Carvalho. Para tal tarefa faremos uma análise qualitativa de um texto, *Mentiras gays*, presente no livro *O Imbecil Coletivo* de 1996. Nosso trabalho se pauta em elementos de uma história das ideias e em uma hermenêutica textual; como aporte teórico, focaremos em diversos autores que estudam a direita no mundo contemporâneo. Em termos de conclusão, vemos: mesmo não sendo abertamente homofóbico, até concordando com certos elementos da vivência LGBTI+, Olavo trabalha com outros fatores que também distorcem, ridicularizam, mentem e atacam pautas desse universo, logo há uma homofobia que não quer se apresentar como tal, e tenta se travestir de uma discussão séria sobre o tema.

**Palavras-chave:** Olavo de Carvalho; Reacionários; Direita Radical; Polemismo; LGBTI+.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Pesquisador autônomo. Email: <[mariojpaiva91@gmail.com](mailto:mariojpaiva91@gmail.com)>.

O presente artigo busca debater um pouco da ambivalência da direita perante questões LGBTI+, para isso usamos por base um texto de um dos maiores representantes da direita radical no Brasil, nos referimos ao jornalista, polemista<sup>2</sup> e, autodeclarado, filósofo<sup>3</sup> Olavo de Carvalho, em seu artigo *Mentiras gays*.

Em primeiro lugar, por que a escolha conceitual de chamar tal campo político de direita radical? A escolha se dá porque, como já abordamos em trabalhos anteriores (PAIVA, 2019, 2021), conceitos políticos não possuem definições finais, são termos disputados e com diferentes interpretações; são polissemias conceituais em política, que já discutia Oakeshott (2018). Então pesquisadores terminam, mesmo orbitando por mesmos tópicos, lhes dando nomes diferentes e definindo direita de diferentes formas. Quando se estuda certa direita contemporânea se fala em *radical right*, *right-wing populism*, *alt-right*, *radikalisierte Konservatismus*,<sup>4</sup> *new right-wing extremism* etc. Logo, em um universo de múltiplas escolhas teóricas e metodológicas, acreditamos que o termo, *direita radical*, é uma nomenclatura adequada para se denominar esse universo de estudos, sendo uma nomenclatura menos restritiva que outras abordagens. É um universo de pesquisas que perpassa autores como Cas Mudde (2000), Michael Löwy (2015), Andreas Fagerholm (2016), Jacob Davey & Julia Ebner (2017), Manuela Caiani (2017), Giuliano da Empoli (2020), Azevedo & Paiva (2022), Castro Rocha (2023), Lynch & Cassimiro (2022), Alexandre Bortolini (2022), Leticia Duarte (2019), Lucas Patschiki (2012), Benjamin Teitelbaum (2020), Sophie Gaston & Briefing Paper (2017), Annie Kelly (2017), entre tantos outros trabalhos.

Em segundo lugar, por que estudar Olavo de Carvalho? Nosso primeiro contato sistemático com tal ente se deu na época em que estávamos escrevendo nossa tese de doutoramento, sobre pensamento conservador (cf. PAIVA, 2021), e era nosso intuito inicial incluir tal autor no cenário de pensadores conservadores nacionais. Se somando

---

<sup>2</sup> Cf. Manuel Petrik (2006).

<sup>3</sup> Há uma discussão comum, por parte de seus críticos, sobre se Carvalho poderia ser considerado filósofo, partindo do fato de que ele não possui nenhuma formação na área.

<sup>4</sup> Aqui estamos pensando no conceito de conservadorismo radicalizado de Natascha Strobl.

assim aos mais variados nomes, que vão desde uma tradição imperial (cf. LYNCH, 2008, 2016; KAYSEL, 2015), passando por Joaquim Nabuco (2005),<sup>5</sup> Gilberto Freyre (2006), certa fase da obra de Gustavo Corção, Nelson Rodrigues, até José Guilherme Merquior (2014) etc. Mas eis que, enquanto líamos Carvalho, percebemos um óbvio descompasso entre ele e o pensamento conservador. O conservadorismo político, como muito ressaltado (PAIVA, 2021), é tipicamente uma forma de direita moderada. Enquanto Carvalho está mais para direita do que essa direita clássica, algo apontado corretamente, em nossa leitura, por Ruy Fausto (2017). Estudar Carvalho nos faz sentido, pois entendemos sua importância dentro de um momento de renovação da direita nacional e também porque tivemos contato sistemático com sua obra anteriormente; lemos seus principais textos, ouvimos várias de suas aulas – inclusive assistimos todo o seu curso, de 32 aulas, sobre a história essencial da filosofia – e acompanhamos, em algum grau, seu modo de atuação em suas redes sociais, enquanto Carvalho ainda estava vivo.

Olavo se mostra um membro da direita radical enquanto alguém que, em mais de um momento, demonstrou desejo pela descontinuidade das nossas instituições democráticas representativas;<sup>6</sup> com ataques sistemáticos contra seus inimigos políticos, em uma lógica de nós vs os outros (cf. PAIVA, 2021), em uma aberta falta de respeito com os mais variados interlocutores, o que mais serve para minar o debate moderado do que para implementá-lo ou reformá-lo<sup>7</sup>. Sendo que técnicas de perseguir virtualmente adversários formam tópicos já estudados na análise da direita radical, como é possível ver em Giuliano da Empoli (2020) ou Jacob Davey & Julia Ebner (2017).

---

<sup>5</sup> Nabuco marca uma transição, pois pegou o Império, mas também viveu para ver o que o sucederia em termos políticos.

<sup>6</sup> Para um debate sobre qualidade da democracia há toda uma bibliografia para tratar da questão, vale conferir Pateman (1970), Almond & Verba (1963), Robert Dahl (2005), D'Araújo (2009), Diamond & Morlino (2004), José Alvaro Moises (2005, 2010), O'Donnell (1998) e Roberts (2009).

<sup>7</sup> Sobre comunicação agressiva vale conferir Avtgis & Rancer (2006).

Parte do trabalho da direita radical, para ir radicalizando o debate, é colocar questões não existentes nas discussões científicas contemporâneas<sup>8</sup> ou tentar alterar conceitos estabelecidos em vários jogos retóricos, bastante clássicos. Em vários casos, com uma forte linguagem sentimental para passar urgência e indignação; muitas vezes vão querer apresentar sua posição como *óbvia*, enquanto a posição do adversário é vista como inferior, ou maligna. A nova direita radical não vai falar, abertamente, que fez aliança com movimentos nazistas nos Estados Unidos; eles vão falar que suas batalhas são em nome da liberdade de expressão, do liberalismo, do *humor* contra o *politicamente correto* etc.

A confusão é, muitas vezes, parte da estratégia, como bem mostra Empoli (2020), Cassimiro & Lynch (2022) ou Rocha (2023). Sendo possível ir minando esta confiança das pessoas nas instituições, mesmo de dentro delas, para até um possível golpe autocrático. Mas quanto tempo dura essa confusão e qual sua real força política? Como vimos, os mais diversos movimentos de direita ganharam muita força nos últimos anos, como apontado por Empoli (2020) e Jairo Nicolau (2020), contudo agora o *bolsonarismo* e o *trumpismo* perde certo fôlego; Donald Trump perdeu eleição para Joe Biden, Bolsonaro está sendo investigado por suas movimentações golpistas, *vide* um documento chamado popularmente de *minuta do golpe*, etc. Assim, talvez, tais perspectivas mais pessimistas de Empoli precisem ser repensadas, afinal algoritmos mudam, técnicas de manipulação, que antes funcionavam melhor, podem ser encaradas com maior ceticismo, respostas jurídicas e políticas foram sendo dadas e, em vários casos, funcionam bem em médio ou longo prazo<sup>9</sup>.

Agora que já explicitamos nossa escolha pela tipologia de direita radical e os motivos que nos levam ao desenvolvimento de uma análise sobre Olavo de Carvalho, gostaríamos de colocar tal questão norteadora do trabalho: qual é a relação entre Olavo

---

<sup>8</sup> *Vide* o retorno de uma discussão sobre o formato do planeta.

<sup>9</sup> Se pensarmos, por exemplo, na série de processos que Olavo de Carvalho perdeu, o deixando com uma dívida milionária com o cantor Caetano Veloso etc.

de Carvalho e o universo LGBTI+? A questão em análise, por um prisma hermenêutico, é se esse autor respeita tais pautas, pelo menos dentro do recorte selecionado.

Por que gostaríamos de analisar tal questão? Pois, como apontado por Löwy (2015), há tópicos de discordância dentro da direita radical, ou seja, ela não é perfeitamente coesa. Eis nossa investigação: haveria uma aberta homofobia em Olavo de Carvalho, que até o distanciaria de outros grupos de direita? Para tal tarefa investigativa, faremos uma leitura crítica do já mencionado artigo de Carvalho e em alguns momentos usaremos citações diretas, para que possamos acompanhar melhor uma lógica do autor em suas próprias palavras.

O presente artigo se divide em quatro partes. Começou pela presente introdução. Passa para o seguimento *A relação da direita com questões LGBTI+*, que visa mostrar como não há na direita uma postura unívoca em relação ao universo de questões LGBTI+. Já a terceira parte é o ponto mais específico do texto, que busca uma análise mais longa do pensamento de Carvalho, se chama *Sobre o artigo Mentiras gays*. A última parte se dedica aos apontamentos finais, com uma coesão maior dos tópicos apresentados.

### **A relação da direita com questões LGBTI+**

Como já discutimos (cf. PAIVA, 2019, 2021), a direita não é um grupo político unitário. Ela soma diferentes posicionamentos dentro dessa díade complexa, como Norberto Bobbio (1995) nos auxiliou na observação. Possuindo diferentes impactos em diferentes campos, como tentamos mostrar em Azevedo & Paiva (2022), ao tratar dos efeitos do avanço dessa nova direita no universo escolar.

Nesses termos, há desde uma direita moderada, em que podemos colocar os típicos partidos conservadores, até formas radicais de direita, como todo o universo relacionado ao nazismo e ao fascismo, ou seja, forças que não são igualitárias e liberais em política. Os grandes *rótulos* da direita se misturam, essas são discussões complexas,

mesmo que possa existir algum ente que, idealmente, leiamos mais como conservador,<sup>10</sup> liberal,<sup>11</sup> ou reacionário<sup>12</sup>. Ora, mesmo assim, um conservador pode ser mais ou menos antimoderno,<sup>13</sup> mais ou menos cético<sup>14</sup> etc. Do mesmo modo, há diferentes correntes de liberalismo ou pensamento reacionário. Havendo autores de difícil classificação, *vide* Eric Voegelin ou Leo Strauss<sup>15</sup>. Os próprios entes políticos podem mudar de posição de acordo com diferentes conjunturas. Nesses termos, Gustavo Corção passou do conservadorismo para uma postura reacionária e o próprio Paulo Francis passou da esquerda para a direita.

Em termos de história, certa ala clássica da direita talvez nem tenha tratado dessas questões de gênero e sexualidade de modo extenso. Até onde saibamos, não há em John Locke, Edmund Burke (2012) ou David Hume nenhuma discussão sistemática e contundente sobre homossexuais. Muito da discussão termina sendo de autores posteriores ou exercícios de imaginação, do que tais correntes teóricas falariam diante de certas problemáticas. Em que, claro, há uma ala mais tradicionalista (cf. PAIVA, 2021), que pode associar *medievalmente* certas questões ao pecado nefando (cf. TREVISAN, 2018) etc.

Em termos ideais é de se esperar do liberalismo uma abertura maior para a liberdade individual, porém certas respostas não são simples, pois mesmo autores declarados liberais podem terminar corroborando pautas bem pouco liberais dependendo das conjunturas, como não faltam casos históricos, *vide* uma relação inicial da ditadura militar brasileira com grandes nomes do liberalismo, caso exemplar é o de Roberto Campos. Outro exemplo, quantos liberais diante da *ameaça vermelha* não

---

<sup>10</sup> Cf. Coutinho (2014), Paiva (2019, 2021), Russell Kirk (2008, 2014, 2016), Karl Mannheim (1981), Paulo Mercadante (2003), Oakeshott (1981), Scruton (2015, 2019), Gabriel Trigueiro (2017).

<sup>11</sup> Para mais detalhes sobre o conceito de liberalismo, vale conferir José Guilherme Merquior (2014), Chaloub (2015) e Camila Rocha (2018).

<sup>12</sup> Cf. José Soares (2009), Lilla (2018), Coutinho (2014), Paiva (2021).

<sup>13</sup> Cf. Copagnon (2014) e McAllister (2017).

<sup>14</sup> Cf. Danilo Marcondes (2019).

<sup>15</sup> Sobre essa dificuldade de classificar Voegelin, vale ler também Paiva & Villaça (2023).

devem ter preferido o fascismo? Enfim, não somos especialistas em liberalismo, mas essas questões merecem reflexões, mesmo em estudos futuros nossos.

Autores contemporâneos da direita se mostram com posturas diversificadas, como já dito, diante das questões LGBTI+. Russell Kirk (cf. PAIVA, 2021) via na homossexualidade um pecado. Roger Scruton (2016) viu a homossexualidade enquanto algo normal, desde que haja uma parceria romântica interpessoal; havendo assim um elemento moral, mesmo que não religioso (PAIVA, 2021). Gilberto Freyre (2006), por suas lentes mais antropológicas, tratou de certas questões sexuais com curiosidade e sem fazer grandes julgamentos de valor. Gustavo Corção abordou tal dimensão social de forma bastante moralista, com o pior do que o catolicismo podia oferecer, vendo uma reunião de homossexuais como algo *antinatural* (Paula, 2015, p. 162; PAIVA, 2021). Nelson Rodrigues captou uma dimensão trágica de sua época, em alguma medida, assim estando dentro de uma discussão moral também, mas sem os exageros reacionários de certas fases de Corção (cf. BATALHA, 2013; CASTRO, 2004; PAIVA, 2021). Paulo Francis (cf. FONSECA, 2001; OLIVEIRA, 2017; PAIVA, 2021) atacou de modo direto, cruel, os LGBTI+; ajudou assim no avanço do pânico moral de sua época, em que ainda pouco se sabia sobre o HIV. Pondé aceita razoavelmente bem certas pautas LGBTI+, em termos comparativos, defendendo o casamento entre pessoas LGBTI+, adoção de crianças etc. Pondé, de modo bem humorado, fala que para ele tanto faz o *time* da pessoa (PAIVA, 2021). Enquanto Rodrigo Constantino faz críticas desrespeitosas, jocosas, mas geralmente tentando colocar como justificativa que não quer atacar uma liberdade privada das pessoas, mas sim suas posições políticas. Constantino até falou, de modo nada crível, em uma *espécie* de ditadura das minorias; essa chamada por ele, em outro momento, de *Gaystapo* (PAIVA, 2021, p. 269)<sup>16</sup>. Como em outros casos, Constantino coloca vítimas, tentando se defender, como reais agressoras.

---

<sup>16</sup> Em nenhum momento explica, de modo claro, o que seria uma *espécie* de ditadura de minorias, vale dizer.

Eis a conclusão parcial até aqui, não há uma determinação entre o ente ser de direita e ser contra pautas LGBTI+. Muitos autores clássicos de direita, como vimos, não abordaram tal campo de discussão, aparentemente. Mesmo essa direita contemporânea não possui um coro homogêneo na condenação dos entes LGBTI+. Nada nos garantia então, antecipadamente, que o texto de Olavo de Carvalho seria contrário ao campo das reivindicações políticas LGBTI+.

### **Sobre o artigo *Mentiras gays***

Olavo de Carvalho, mesmo sendo um dos maiores nomes da direita nacional, ainda possui poucos estudos acadêmicos exclusivos sobre ele, tendo a dissertação de Patschiki (2012) sido um dos primeiros casos ou o primeiro caso, acreditamos. Houve uma resistência esperada ao seu nome, durante muito tempo, dentro da universidade. Sendo ele visto como uma figura menor, bizarra, um polemista barato. O interesse maior agora se dá não pela relevância filosófica de sua obra, mas pelas conjunturas políticas, as quais ele ajudou na construção. Carvalho é um dos grandes nomes na formação de um *anti-petismo* militante, o qual teria como ponto máximo a eleição de Jair Bolsonaro.

Carvalho é uma figura complexa, com diversas fontes intelectuais tipicamente vistas como de direita. Possuindo ele grandes habilidades retóricas, que muitas vezes são usadas para mascarar suas análises erradas ou enviesadas. Vale apontar como, muitas vezes também, Olavo dialogou com um público que não era especializado em filosofia, ou outras áreas do conhecimento, o que tornou seus argumentos mais aceitáveis, enquanto alguém visto como possuidor de um *argumento de autoridade*; ou seja, há todo um trabalho por parte de seus leitores, e do próprio Carvalho, de construir uma área de legitimidade ao redor dele, enquanto, por outro lado, tentam deslegitimar seus adversários, que estão em posições bem mais centrais dentro do campo da produção do conhecimento especializado.

Não nos cabe explicar toda sua obra, mas isso é o que queremos demarcar: tal autor é da direita radical e possui textos e falas cheias de insultos e acusações. Está influenciado por um pensamento religioso de direita, com traços reacionários e com toda uma influência de Gustavo Corção. Também se utilizando, em vários momentos, de uma série de falácias para convencer os leitores ou ouvintes, que muitas vezes são leigos no campo.

Com apontamentos mais gerais feitos, nos direcionemos para o artigo e o livro que iremos dar destaque. Carvalho possui uma obra enorme e está fora de questão como sua produção se modificou com o tempo, porém é rotineiro apontar como *O Imbecil Coletivo* é um dos seus trabalhos principais, logo aqui *navegaremos* por águas que o próprio Carvalho considerava como mais relevantes dentro de sua extensa produção. Aqui estaremos falando de um livro dos anos 90 e esse possuiu uma série de edições. Mas, até onde sabemos, mesmo na última edição lançada<sup>17</sup> o texto em questão se manteve presente, independente de seu caráter muito agressivo, grosseiro etc.

Relembremos o que está presente no artigo *Mentiras gays*. O texto em questão começa com Olavo de Carvalho dizendo:

Os gays encontram talvez menos satisfações no seu tipo peculiar de jogos sexuais do que nos mitos lisonjeiros que cultivam a propósito de sua comunidade. Um desses mitos é o de que são marginalizados e perseguidos. Outro é o da sua superioridade intelectual.

Contra a primeira dessas crenças permanece o fato de que alguns dos tiranos mais sanguinários da História foram gays, entre outros Calígula e Mao TséTung. [...] Mas esses casos célebres não são exceções: destacam-se sobre fundo negro de uma regra quase geral. Na Índia, no século passado, milhares de meninos foram comprados ou roubados de suas famílias e levados à força para servirem em bordéis homossexuais na Inglaterra. Na China aconteceu coisa semelhante. Na Alemanha e na França, clubes e círculos fechados de homossexuais sempre estiveram próximos dos centros de poder e prestígio (veja-se por exemplo o grupo de Stefan George e depois as S.A., guarda pessoal de Hitler, chefiada pelo sinistro Rohm, ele próprio um gay assumido). Alguns países islâmicos, onde a instituição do dote para a noiva dificultava o casamento para os homens pobres, tornaram-se paraísos para os homossexuais europeus ricos, que ali compravam barato os favores de jovens muçulmanos (leiam as memórias de [André] Gide, *Si le Grain ne Meurt*). O

---

<sup>17</sup> Pela *Record* em 2020.

comércio de meninos, um fato de amplitude universal, mostra o poder opressivo dos homossexuais ao longo da História. Para cada caso de violências cometidas contra homossexuais, pode-se citar outro de violência cometida por homossexuais. A choradeira de minoria oprimida são lágrimas de crocodilo (CARVALHO, 2021, s. p).

Como já vemos, confusão é parte da técnica existente. O texto começa com um pressuposto absurdo, que confunde e quer chocar os leitores. Quer uma inversão para pegar um grupo minoritário, perseguido historicamente, e o colocar na posição de agressor; como faz depois, de outros modos, Rodrigo Constantino também. Sendo que, para Carvalho, seria um mito que os *gays* são perseguidos e marginalizados. Aqui já observamos um movimento de um ceticismo bastante direcionado, tendencioso, ao negar tal existência do problema, amplamente documentado<sup>18</sup>. Em que o *ônus da prova* cai sobre Carvalho, de tentar refutar o volumoso material existente.

Ainda no primeiro parágrafo, fala que é um mito também que haja superioridade intelectual dos *gays*, contudo ao não explicitar quem defende tal ideia soa que ele está combatendo um oponente distorcido, assim está incorrendo na técnica erística da *falácia do espantinho*<sup>19</sup>.

Com a ideia de que alguns dos tiranos mais sanguinários da história foram *gays*, pega casos pontuais para deslegitimar lutas históricas, que visam proteger uma parcela da população muito maior do que essas elites políticas de outras eras. Notemos também que quando ele fala de Calígula, ou Mao, ele não coloca nenhuma fonte. O que nos leva até um problema que já tínhamos notado antes, sobre essa qualidade das fontes (PAIVA, 2021, p. 267). Sendo possível que exista uma mistura entre obras legítimas, do ponto de vista historiográfico, com outras fontes obscuras e revisionistas. Valendo lembrar: Olavo já falou que não sabíamos o verdadeiro formato do planeta (cf. PAIVA, 2021), sendo esse apenas *um* dos vários absurdos que poderíamos demarcar. Quando Olavo não

---

<sup>18</sup> Vale conferir, só como exemplo, Bimbi (2017), Green (2019), Green & Quinalha (2018), Mota (2019), Nunam (2003) e Trevisan (2018).

<sup>19</sup> Uma falácia de substituir o que o adversário está dizendo por uma versão, mais ou menos, distorcida do discurso.

coloca sua fonte, ele está aportado em sua própria pessoa enquanto um argumento de autoridade. O que pode ser um completo absurdo, risível, dependendo da questão.

Já quando Carvalho fala de um fundo negro de uma regra *quase geral*, vejamos como ele está claramente estigmatizando o homem *gay*. Assim se enquadra, em nossa leitura, na definição de homofobia criminalizada em 2019 pelo Supremo Tribunal Federal. Ela envolve: praticar, induzir ou incitar discriminação em razão de orientação sexual, sendo *agravante* uma ampla divulgação do ato homofóbico. Em outros termos, não só ele está sendo homofóbico, por praticar uma discriminação ao falar de uma *regra negra quase geral* dos homossexuais, mas o ato é ainda agravado por ele ter sido uma figura pública com ampla divulgação. Claro, ele não fala que é uma regra geral, logo vê exceções, mas por ser uma regra *quase geral*, de um fundo negro de maldades, já é uma discriminação. Em uma associação dos *gays* até com o nazismo, como vimos. Sim, existiram *gays* colaboracionistas, mas isso não exclui os perseguidos e mortos. Essa lógica de Carvalho é simplesmente bizarra, é o viés de confirmação mencionado, que vai mais facilmente confundir ou convencer os leigos.

Continuemos. Olavo, além de não citar certas fontes, não usa dado quantitativo para provar o que ele chama de *regra quase geral*. Em outros termos, ele simplesmente continua ignorando que o *ônus da prova* seja dele, se respaldando em um argumento de autoridade que aqui não vale para nós. Com o caso alemão essa distorção fica ainda mais visível, porque está falando de um caso muito famoso de aberta perseguição, censura e morte contra pessoas LGBTI+.

Ao falar de meninos comprados ou roubados, termina não diferenciando uma questão homossexual masculina, adulta, consensual, e a pedofilia, em um pânico moral antigo e também muito criticável. Que cai na *indução* ou *incitação* de discriminação em razão da sexualidade, se acreditarmos que suas ideias possuem alguma relevância para parte de seus leitores.

Fala Carvalho (2021) que o comércio de meninos é um fato de *amplitude universal*, sem nem mesmo explicar o que ele quer dizer com isso, para na sequência

falar do poder opressivo dos homossexuais na história. Diz que para cada caso de violência contra o homossexual, atentemos ao absurdo, há um caso de violência cometida por um homossexual. O problema lógico é claro, aqui também, a comunidade LGBTI+ é uma parcela reduzida da população, logo se houvesse essa equidade, na estatística da violência, tal comunidade LGBTI+ teria de ser muito mais violenta do que essa média da população.

Na sequência veta que existam homens espiritualmente elevados *gays* e fala que não há santos *gays*, algo também bem discutível do ponto de vista histórico. Assim os *gays* surgem como entes, nas palavras de Carvalho, com escassa folha de serviço na prática do bem (CARVALHO, 2021). Difícil não entender o caráter homofóbico da afirmação. Depois de certas discussões, começa a usar o termo *homossexualismo*, que hoje está em desuso. Valendo lembrar que o livro foi reeditado em 2020, logo é, nos parece, uma opção aberta do autor usar o termo, mesmo depois de toda crítica sobre patologização implícita etc. Mas aqui vale uma ressalva, é necessária uma comparação mais contundente entre edições, para uma averiguação se existe alguma mudança no artigo; esse trabalho comparativo não o fizemos de forma aprofundada.

Como já mostramos (PAIVA, 2021, p. 16), Olavo acredita que é possível *abandonar o homossexualismo*. Carvalho fala do sexo heterossexual como uma necessidade, enquanto o homossexual é um *desejo*, uma *opção* (CARVALHO, 2021). Ou seja, mais uma vez o que vemos são termos mal explicados, um uso enviesado da biologia como aporte, enquanto viés de confirmação, e uma discordância aberta com a produção mais aceita no campo.

Fala, por causa dessa falácia naturalista pouco razoável, que a hegemonia do heterossexual é *justificada*. Assim há uma *hierarquia*, em que ele coloca os heterossexuais em um ponto mais alto dela (CARVALHO, 2021). Igualmente comenta uma *ideologia homossexual*, em mais uma afirmação estranha e pouco clara. Lutar por mais direitos em uma sociedade preconceituosa, violenta etc., nessa leitura, é algo ruim. Mais uma vez, são jogos de inversão em alguns autores da nova direita nacional.

Outro momento marcante é quando o autor diz, seguindo ainda essa lógica biológica sem lastro, que: “Se a conduta homossexual constante resulta numa incapacidade adquirida – ainda que de ordem puramente psicológica e sob a forma de uma rejeição ou ojeriza invencível –, então certamente é anormal. É anormal porque é a privação de uma potência necessária à subsistência da espécie” (CARVALHO, 2021, s.p). Assim o autor, de modo reacionário, deseja dar legitimidade para um debate extinto. Isso nos soa tanto um jogo retórico bobo, *escolástico* no pior sentido do termo, que, por similar lógica, no topo da pirâmide social poderíamos colocar o bissexual, porque ele possui tanto essa potência homossexual quanto heterossexual, ou seja, ele não se priva de *nada*, é um ser *completo*, logo *superior*; e *anormal* é o heterossexual.

Partindo de um debate biológico falacioso e de uma pauta reacionária, além de certas dicotomias simplistas e jogos retóricos questionáveis, Carvalho passa para discutir legislação. Vale demarcar como Carvalho também continua insistindo nessa ideia da homossexualidade ser uma opção.

Essas constatações bastam para derrubar a pretensão dos gays a legislações específicas em defesa da sua comunidade, pretensão fundada na alegação de normalidade da sua conduta. Porque das duas uma: ou o homossexualismo é uma opção, revogável a qualquer momento por um ato da vontade, ou é, ao contrário, uma privação da capacidade heterossexual. No primeiro caso, é mera conduta, sem maior significação médica, o que torna inócua a alegação de normalidade. No segundo, é deficiência, e é absurdo defender um direito à deficiência como tal. Portanto, os direitos que devem ser assegurados aos gays são simplesmente os mesmos que se garantem a todos os seres humanos [...]. É descabido pretender que devam existir direitos específicos da comunidade gay, como não há direitos específicos dos abstinente, dos sadomasoquistas, dos pedófilos, etc. Uma opção ou preferência não pode, por si, ser geradora de direitos, o que reduziria o direito a uma questão de gosto. Na melhor das hipóteses, esses direitos criariam um problema insolúvel: se um homossexual decide tornar-se heterossexual ele perde seus direitos de homossexual ou os conserva? (CARVALHO, 2021, s.p).

A próxima citação se mostra mais problemática, no sentido de que o autor realiza um jogo retórico para defender o aberto preconceito contra homossexuais. Ele deseja criar uma confusão e uma redefinição do que seria o preconceito. Como dito, o

problema muitas vezes não é o ente *ser* da direita radical, mas *receber* o rótulo. O problema, na cabeça desses entes, é chamar o preconceituoso de preconceituoso. Acompanhemos aqui o esforço que o autor faz para falar que é aceitável alguém passar fome para não ter que comer algo preparado pelo cozinheiro homossexual.

Outro indício de desonestidade intelectual é o abuso do rótulo “preconceito”. Os homossexuais estigmatizam como preconceito qualquer opinião que condene como anormal ou imoral a sua conduta. Preconceito é opinião irrazoável, ditada por meras preferências pessoais anteriores a uma conceituação do problema. Na maior parte dos casos as opiniões dos anti-homossexuais não são preconceitos, mas conceitos, tão elaborados, tão lógicos e respeitáveis quanto as opiniões dos homossexuais, para dizer o mínimo. Porém, mesmo supondo-se que fossem preconceitos, por que deveriam ser menos respeitáveis do que a opção homossexual mesma, que também não se funda em razões e sim num mero desejo, tão irracional e arbitrário quanto qualquer outro? Se existe um direito à expressão do desejo, deve também existir direito à expressão da repugnância, que é o contrário do desejo. Há pessoas que têm pela homossexualidade uma repugnância instintiva e irracional, tão instintiva e irracional quanto o desejo homossexual mesmo. Notem bem: lógica e psicologicamente, o contrário de um desejo não é a simples indiferença, mas a rejeição, a repugnância, o nojo. O velho Graciliano Ramos, na prisão, preferia passar fome a comer o almoço preparado pelo cozinheiro gay; se comia, vomitava. Deveremos considerar essa repugnância anormal, doentia, condená-la como imoral, reprimi-la, proibi-la em nome dos direitos dos gays? [...] Se o homossexualismo é um direito, também o é o preconceito antihomossexual, desde que, é claro, um e outro não se traduzam em atos criminosos [...] (CARVALHO, 2021, s.p).

Essa citação possui várias questões, como: *se a posição A é legítima, a posição contra A deve ser igualmente respeitada*. Mas essa lógica é problemática e faz lembrar o dia em que o influenciador digital Monark, ex-membro do *Flow Podcast*,<sup>20</sup> falou que seria legítimo existir um partido nazista. Não entendendo como estava equiparando coisas que não são equivalentes.

Quando Carvalho fala que o preconceito contra homossexuais é um *direito*, desde que não esbarre na lei, ele cai em um problema muito simples agora também: homofobia se tornou crime, ou seja, hoje esbarra necessariamente na lei que equiparou homofobia ao racismo. A questão aqui possui um ponto outro que deve ser mencionado,

---

<sup>20</sup> Tal *podcast*, se não estamos enganados, chegou a ser o maior do *Youtube* brasileiro.

violência não é só quebrar uma lâmpada na cabeça de um homossexual, muito se fala hoje, na sociologia ou na pedagogia, em violências simbólicas. Ter nojo da comida de um homossexual, sim, é um preconceito bastante óbvio. Isso, simplesmente, não é tão *lógico e respeitável* quanto qualquer outra manifestação cultural.

Próxima citação, vejamos o velho pânico moral da destruição da família, da corrupção das crianças etc.

Mas os homossexuais vão mais longe em suas exigências: pretendem que suas doutrinas e preferências devam ser ensinadas às crianças, para que estas possam “fazer livremente sua opção”. [...] Numa relação homossexual, porém, não há diferença: uma menina de seis anos está fisiologicamente apta a praticar cunnilingus numa mulher adulta, um garoto a fellatio num homem, e ambos o coito anal passivo. Inexistindo risco de gravidez, a responsabilidade civil do ato seria bastante atenuada. Que argumento nos sobraria, então, para condenar as relações sexuais entre adultos e crianças, desde que consentidas [...]? O ensino da homossexualidade às crianças terá duas consequências catastróficas: 1<sup>a</sup>, favorecerá a opção mais fácil e incitará praticamente todas as crianças à experiência homossexual numa fase da vida em que ainda não podem desfrutar plenamente da heterossexualidade: ensinados o homossexualismo e o heterossexualismo como preferências equivalentes, a opção infantil não será livre, pois favorecerá quase que necessariamente o homossexualismo; 2<sup>a</sup>, a longo prazo, entregará as crianças à mercê dos homossexuais adultos e suscitará a eclosão de movimentos pela liberação das relações eróticas entre adultos e crianças: o pedófilo, retroativamente, se tornará vítima inocente da sociedade repressiva que lhe impede o acesso a seu objeto de desejo (CARVALHO, 2021, s.p).

Na próxima citação vemos como o autor defende uma condenação moral, mesmo que isso envolva algo irracional e fanático; em outros termos, continua na defesa do preconceito, desde que ele não se converta em uma óbvia violência. Outro ponto: Carvalho continua insistindo na existência de uma indução das crianças para práticas eróticas homossexuais, incitando assim o medo contra tal grupo minoritário, em maior ou menor grau.

E os direitos dos gays? O único direito que podem reivindicar legitimamente é o de que sua conduta sexual privada não lhes acarrete discriminação no emprego e na vida social em geral. A sociedade que lhes der isso já lhes deu tudo quanto merecem. Porém:

1º A mera expressão de condenação moral não é discriminação; é exercício da liberdade de consciência.

2º O preconceito mesmo, por irracional e fanático que seja, não é discriminação, desde que não se expresse em atos agressivos ou danosos.

3º Os gays não têm, moralmente, nenhum direito de induzir crianças à prática da homossexualidade [...] (CARVALHO, 2021, s.p).

O artigo termina com Carvalho (2021) falando de elementos evidentes da mente humana, que nenhum sofisma poderia revogar, ainda que obscurecidos por questões outras do tempo. Assim aborda essa existência de *gays honestos*, que não foram *contaminados* por uma ideologia que, com o pretexto de protegê-los, os leva ao sacrifício de suas consciências no altar do *gosto*. Esse fim do artigo, além de tudo, ainda é profundamente cafona.

### **Considerações finais**

O presente artigo visou abordar uma relação entre o universo LGBTI+ e o campo da direita política. Como vimos, com o auxílio de Bobbio (1995), não há uma homogeneidade no pensamento da direita, e como mostra todo um aporte teórico citado mesmo essa direita radical não possui uma total coesão.

Abordamos um caso específico de direita radical brasileira e nos utilizamos de um texto do escritor Olavo de Carvalho. Nosso prisma foi o de uma história das ideias, não por acreditarmos que Olavo de Carvalho seja um interlocutor razoável nesse tipo de questão, mas para demarcarmos um ponto histórico, um embate entre poderes-saberes, por mais bizarro que o seja. Afinal, está cada vez mais explícita a forma como essa direita radical pode influenciar nas questões contemporâneas.

Estudar os textos de Carvalho muito nos diz sobre sua lógica interna, sobre o uso do medo como ferramenta política, sobre como desinformação, distorção e polarização contaminam o debate. Muito nos diz, igualmente, sobre retórica, falácias e mentiras<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Como sabemos, com a ajuda de Empoli (2020), notícias falsas e alarmistas podem também ter uma circulação e engajamento na *internet* muito maior do que notícias moderadas e verdadeiras.

Enquanto uma discussão sobre o universo homossexual masculino e cisgênero, pois Olavo se foca em tal tópico, abordamos um texto tendencioso, generalista, preconceituoso, enfim homofóbico, mas bem escrito, ao ponto de dar um ar de discussão séria ou verossímil. Como abordamos, o radical de direita deve tentar se apresentar como um ente de lógicas razoáveis, mesmo quando está se utilizando da jocosidade e do que é polêmico, para convencer o interlocutor, muitas vezes um leigo no tópico da discussão, mas que quer possuir uma opinião sobre o tema. Em termos muito simples: esse texto de Olavo de Carvalho, dos anos 90, é homofóbico, mesmo que queira mostrar exatamente o contrário. Nele o homossexual masculino aparece, *quase sempre*, como uma figura má, violenta, sem grandes pretensões espirituais, que muitas vezes quer *corromper* os menininhos. É o inimigo fantasmagórico genérico, que pode aparecer através de diferentes formas.

### Referências

- AVTGIS, Theodore; RANCER, Andrew. **Argumentative and aggressive communication**: theory, research, and application. Califórnia: Sage Publications, 2006.
- ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The Civic Culture**: Political Attitudes and Democracy in Five Nations. California: Sage Publications, Inc, 1963.
- AZEVEDO, Gustavo Cravo de; PAIVA, Mário Jorge de. Introdução para uma análise sobre o pensamento conservador brasileiro no período mais recente da presença obrigatória da Sociologia no Ensino Médio (2008-2018). **Educação UNISINOS (ONLINE)**, v. 26, p. 1-13, 2022.
- BATALHA, Maria Cristina. **Nelson Rodrigues**: persona. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.
- BIMBI, Bruno. **O fim do armário**: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: as razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.

BORTOLINI, Alexandre. **Falar de gênero para construir a democracia: o ciclo da política educacional em gênero e diversidade sexual (2003-2018)**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução na França**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora, 2012.

CAIANI, Manuela. Radical right-wing movements: who, when, how and why?. **Socopedia.isa**, 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/323951576\\_Radical\\_rightwing\\_movements\\_Who\\_when\\_how\\_and\\_why](https://www.researchgate.net/publication/323951576_Radical_rightwing_movements_Who_when_how_and_why)>. Acesso em: 26 out. 2020.

CARVALHO, Olavo. Mentiras gays. *Cultura de Fato*. 2021. Disponível em: <[culturadefato.com.br/mentiras-gays/](http://culturadefato.com.br/mentiras-gays/)>. Acesso em: 2 jun. 2023.

CASSIMIRO, Paulo Henrique; LYNCH, Christian. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo: Contracorrente, 2022.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946**. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

COMPAGNON, Antoine. **Os antimodernos**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

DAVEY, Jacob; EBNER, Julia. The fringe insurgency: connectivity, convergence and mainstreaming of the extreme right. **ISD**, Londres, 2017. Disponível em: <<https://www.isdglobal.org/wp-content/uploads/2017/10/The-Fringe-Insurgency-221017.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2020.

DAHL, Robert. **Poliarquia: participação e oposição**. São Paulo: Edusp, 2005.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Sobre partidos e qualidade da democracia no Brasil. **Desigualdade & Diversidade**, n. 5, p. 217-238, 2009.

DIAMOND, Larry; MORLINO, Leonardo. The Quality of Democracy: An Overview. **Journal of democracy**: v. 15, n. 4, p. 20-31, out. 2004. DOI: 10.1353/jod.2004.0060.

DUARTE, Leticia. Meet the intellectual founder of Brazil's far right. In: **The Atlantic**, 28 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2019/12/brazil-olavo-decarvalho-jair-bolsonaro/604117/>>. Acesso em: 1o mar. 2020.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FAGERHOLM, Andreas. Comparing far right and far left parties in contemporary Europe: a set-theoretic approach. **ECPR**, 7 de set. 2016. Disponível em: <<https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/795cee26-7680-4436-9cc0-0f893fd2307c.pdf>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

FAUSTO, Ruy. **Caminhos da esquerda**: elementos para uma reconstrução. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FONSECA, Alexandre Torres. **Paulo Francis, do teatro à política**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Pernambuco: Global Editora, 2006.

GASTON, Sophie; PAPER, Briefing. Far right extremism in the populist age. **Demos**, 2017. Disponível em: <<https://www.demos.co.uk/wpcontent/uploads/2017/06/Demos-Briefing-Paper-Far-Right-Extremism-2017.pdf>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**. São Paulo: Unesp, 2019.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan. (org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: EDUFSCar, 2018.

KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. CODAS, Gustavo; CRUZ, Sebastião Velasco; KEYSEL, André (Org.). **Direita volver!**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

KELLY, Annie. The alt-right: Reactionary rehabilitation for white masculinity. **Eurozine**. 15 de set. 2017. Disponível em: <https://www.eurozine.com/the-alt-right-reactionary-rehabilitation-for-white-masculinity/>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

KIRK, Russell. **A era de T. S. Eliot**. São Paulo: É Realizações, 2011.

KIRK, Russell. **A política da prudência**. São Paulo: É Realizações, 2014.

KIRK, Russell. **Edmund Burke**: redescobrimo um gênio. São Paulo: É Realizações, 2016.

KIRK, Russell. **The conservative mind**. Tennessee: Lightning Source, 2008.

LILLA, Mark. **A mente naufragada**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 124, p. 652-664, 2015.

LYNCH, Christian. O caleidoscópio conservador: a presença de Edmund Burke no Brasil. KIRK, Russell. **Edmund Burke**: redescobrimo um gênio. São Paulo: É Realizações, 2016.

LYNCH, Christian. O pensamento conservador ibero-americano (1808-1850). **Lua Nova**, São Paulo, n. 74, p. 59-92, 2008.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 77-131.

MARCONDES, Danilo. **Raízes da dúvida**: ceticismo e filosofia moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

MCALLISTER, Ted. **Revolta contra a modernidade**. São Paulo: É Realizações, 2017.

MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora, 2003.

MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo**: antigo e moderno. São Paulo: É Realizações, 2014.

MUDDE, Cas. **The ideology of the extreme right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

MOISES, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia – Lições da experiência brasileira. MOISES, J. A. (org). **Democracia e confiança**: Por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas? São Paulo: EDUSP, 2010.

MOISES, José Álvaro. Cidadania, confiança e instituições democráticas. **Lua Nova**, n.65, ago. 2005, p. 71-94. DOI: 10.1590/S0102-64452005000200004.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Saindo do armário**: da experiência homossexual à construção da identidade gay. São Paulo: Fontenele, 2019.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

OAKESHOTT, Michael. **A política da fé e a política do ceticismo**. São Paulo: É Realizações, 2018.

OAKESHOTT, Michael. Sobre ser conservador. CRESPIGNY, Anthony de; CRONIN, Jeremy (Org.). **Ideologias políticas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

O'DONNELL, Guillermo. *Accountability* horizontal e novas poliarquias. **Lua Nova**: n. 44, p. 27-54, 1998.

OLIVEIRA, Laís. **Paulo Francis, um conservador liberal**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

PAIVA, Mário Jorge de. Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais (Cadecs)**, v. 7, n. 1, p. 90-106, 2019.

PAIVA, Mário Jorge de. **Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI**: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PAIVA, Mário Jorge de; VILLAÇA, Theo Magalhães. Eric Voegelin conservador? Uma análise sobre a relação entre Eric Voegelin e o conservadorismo americano baseada nas críticas ao conceito de gnosticismo de *A nova ciência política*. **Revista Estudos Políticos**, v. 14, n. 29, p. 86-106, 2023.

PATEMAN, Carole. **Participation and Democratic Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia**: o mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

PAULA, Christiane Jalles de. **O bom combate**: Gustavo Corção na imprensa brasileira (1953-1976). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

PETRIK, Manuel. **O duelo verbal**: um estudo sobre o polemista no jornalismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ROBERTS, Andrew. **The Quality of Democracy in Eastern Europe**: Public Preferences and Policy Reforms. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo**: da guerra cultural ao terrorismo doméstico. São Paulo: Autêntica, 2023.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo**: um convite à grande tradição. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SCRUTON, Roger. **Desejo sexual**: uma investigação filosófica. São Paulo: Vide Editorial, 2016.

SOARES, José Miguel Nanni. **“Considérations sur la France” de Joseph de Maistre**: revisão (historiográfica) e tradução. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. **Neoconservadorismo versus paleoconservadorismo**: um estudo sobre a genealogia do movimento conservador norte-americano no pós-Segunda Guerra e suas principais disputas identitárias. Tese (Doutorado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The homophobic face of the new right-wing: analyzing Olavo de Carvalho's  
speech and the text *Mentiras Gays*

**Abstract:** This article aims to discuss the ambivalence of the relationship between the right and the LGBTI+ movement, based on one of the authors that we consider one of the great names of the radical right in Brazil, here we refer to the Olavo de Carvalho. For this task, we will make a analysis of his article *Mentiras gays*, present in the book *O Imbecil Coletivo*. Our work is based on elements of a history of ideas and a textual hermeneutic. In terms of conclusion: even though he is not openly homophobic, we see that Olavo works with elements that distort, ridicule, lie and attacks LGBTI+'s agenda. So there is a homophobia that does not want to present itself as homophobia.

**Keywords:** Olavo de Carvalho; LGBTI+; Radical Right.

**Recebido:** 12/06/2023

**Aceito:** 18/02/2024